



<b>Visão</b>  03-10-2019	<b>Periodicidade:</b> Semanal	<b>Temática:</b> Política
	<b>Classe:</b> Informação Geral	<b>Dimensão:</b> 3906 cm <sup>2</sup>
	<b>Âmbito:</b> Nacional	<b>Imagem:</b> S/Cor
	<b>Tiragem:</b> 132725	<b>Página (s):</b> 50 a 55

# COMO ELES PREPARAM O PÓS-ELEIÇÕES



O que mais preocupa António Costa é que o crescimento do Bloco de Esquerda seja tal que se torne incontornável a sua entrada no Governo. Saiba como Tancos pode obrigar a uma segunda Geringonça, consulte o caderno de encargos de BE, PCP e PAN e veja se gostaria de estar na pele do primeiro-ministro...

FILIPE LUÍS



CATARINA MARTINS  
BE

**Visão**

03-10-2019

**Periodicidade:** Semanal  
**Classe:** Informação Geral  
**Âmbito:** Nacional  
**Tiragem:** 132725

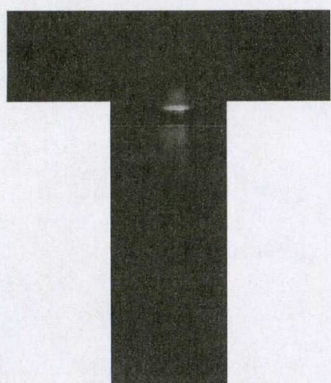
**Temática:** Política  
**Dimensão:** 3906 cm<sup>2</sup>  
**Imagem:** S/Cor  
**Página (s):** 50 a 55



**JERÓNIMO  
DE SOUSA**  
PCP

**ANTÓNIO  
COSTA**  
PS

**ANDRÉ  
SILVA**  
PAN



Terra a terra, porta a porta, voto a voto: há duas semanas, o núcleo mais próximo de António Costa partia para a campanha eleitoral com uma esperança forte na maioria absoluta, mas sem nenhuma certeza. O plano era o de conquistar cada voto, no terreno, como se fosse o último. O argumentário era o de puxar pelos louros da legislatura – com foco especial nas contas certas, na recuperação de rendimentos e no desemprego baixo – e apelar à estabilidade no pós-6 de outubro. Conservando uma distância confortável em relação à segunda força nas sondagens, o PSD de Rui Rio, e, portanto, com muito do eleitorado do centro praticamente garantido, António Costa identificava um adversário direto a disputar-lhe os votos, na área socialista: o Bloco de Esquerda. A perturbação de Tancos, porém, obrigou-o a proteger o flanco à direita, sobretudo depois de Rui Rio, inesperadamente, ter colocado o assunto no centro da campanha.

Denegação de Justiça, prevaricação, abuso de poder e favorecimento: os quatro crimes imputados pelo Ministério Público ao ex-ministro da Defesa, Azeredo Lopes, na acusação deduzida no caso do roubo das munições e dos explosivos em Tancos e da encenação para a recuperação do armamento, com o alegado encobrimento dos assaltantes por parte das autoridades militares, teve força suficiente



**Benavente** Rui Rio fez uma campanha “personalista”. E não teve dúvidas em usar Tancos

para causar alguma erosão do PS nas últimas sondagens. E o que parecia ao alcance da mão, a maioria absoluta, parece, agora, um pouco mais distante.

Esta circunstância torna mais atual a definição de cenários, à esquerda, para a próxima legislatura. Ora, o impacto dos estragos provocados pelo calor da discussão, entre Bloco e PS, nestes últimos dias, ainda está para ser avaliado, no imediato do pós-eleições. A fase final da campanha revelou uma dramatização total, por parte do PS, que, através do próprio António Costa, ou de pesos-pesados como Augusto Santos Silva, Carlos César e Manuel Alegre – todos insuspeitos de simpatias pela direita – verdadeiras trincheiras de distanciamento do BE, ainda parceiro de Geringonça, mas elevado a inimigo público nº 1 da “estabilidade política”. O ministro dos Negócios Estrangeiros (MNE) foi muito claro no seu ataque ao Bloco, embora sem o nomear: “Aqueles que têm dúvidas sobre o respeito pelas condições do pagamento da dívida, aqueles que querem que Portugal gaste 30 mil milhões de euros em nacionalizações, aqueles que desvalorizam as contas certas, esses não podem ter um poder desmedido. Esses não podem ter uma influência desmesurada na próxima legislatura.” E prosseguiu, recorrendo ao “discurso do medo”, um clássico de quem está no poder, em todas as campanhas eleitorais: “Basta olhar para a nossa vizinha Espanha para se perceber que, quando os socialistas não têm a força necessária, quando as forças que têm dúvidas sobre moderação e equilíbrio têm força desmedida, não há estabilidade política. E sem estabilidade política as condições da economia pioram e a vida torna-se mais difícil.” Catarina Martins lembrou, em resposta, que o Governo do PS teve estabilidade apesar de “não ter ganho as eleições” em 2015 (argumento nunca antes invocado, como se se tratasse de um tabu). Não se sabe se, depois desta, Passos Coelho se terá rebolado às gargalhadas – mas o caldo parece entornado.

#### TANCOS NÃO MATA MAS MÓI

Se há matérias que podem afetar a reedição da Geringonça, Tancos não será uma delas. Ainda assim, os parceiros do PS na última comissão parlamentar de inquérito, que colaboraram na declaração de ausência de “responsabilidade política” do ex-ministro da Defesa, tomando como bom o seu depoimento de que ignorava totalmente as circunstâncias que rodearam a recuperação do material furtado, não estão dispostos a renovar essa “solidariedade” e dão sinais de quererem saltar fora, deixando o Governo isolado. Embora tenha passado relativamente despercebida, uma declaração de Jerónimo de Sousa deveria fazer disparar as campanhas de alarme no Executivo. Disse o secretário-geral do PCP que não só está disposto a viabilizar uma nova comissão de inquérito – no que parece ser acompanhado pelo BE – como, se soubesse o que sabe hoje, talvez a posição dos comunistas, na votação do primeiro relatório parlamentar, “tivesse sido diferente”. Ou seja, se Rui Rio parece tomar como garantido que o ministro “sabia de tudo”, Jerónimo de Sousa também não anda muito longe. Mas é claro que tanto o Bloco como o PCP, comprometidos com as conclusões da primeira comissão de inquérito, não querem fazer do assunto um cavalo de batalha.

Se António Costa continuar a precisar de ambos para reeditar a Geringonça, terá de inventar novos pontos de entendimento, visto que, em matéria de reposição de ren-



**Abraço depois do malho**  
Augusto Santos Silva "malhou" à direita e, sobretudo, à esquerda: é preciso conter o BE!

LUCÍLIA MONTEIRO

## Tancos e a presunção de inocência

Na sequência do processo aberto pela *Operação Húbris*, que investigou a encenação e o alegado encobrimento que levaram à recuperação das munições e dos explosivos roubados, em junho de 2017, no paiol do Exército, em Tancos, o ex-ministro da Defesa **Azeredo Lopes** é acusado, pelo Ministério Público, de quatro crimes: abuso de poder, denegação

de Justiça, prevaricação e favorecimento. Em novembro de 2015, o mesmo Ministério Público acusou, também de quatro crimes, o ex-ministro da Administração Interna de Passos Coelho, **Miguel Macedo**: três de prevaricação e um de tráfico de influências. Em janeiro deste ano, no julgamento do caso, Miguel Macedo foi absolvido de todos os crimes.



## A REVERSÃO DA LEGISLAÇÃO LABORAL APROVADA EM JULHO SERÁ UMA LINHA VERMELHA DO BLOCO

dimentos, esta solução já deu o que tinha a dar. O principal receio dos socialistas não é tanto o que o Bloco poderá exigir, numa eventual futura "posição conjunta", mas que lugares poderá reclamar, no Governo. Segundo um dirigente do PS, as palavras de Augusto Santos Silva, quando fala dos riscos de uma "influência desmesurada", ou quando os compara com a situação em Espanha, não é tanto pelo "receio de não conquistar a maioria absoluta", mas pela perspectiva de que uma votação demasiado expressiva no Bloco "torne incontornável a sua entrada no Governo ou, "pelo menos", a reivindicação de tal "estrela". Sem usar a palavra "absoluta", o MNE pediu, eufemisticamente, uma maioria... "indispensável".

### OUTRA VEZ AS LEIS LABORAIS

Segundo fontes bloquistas, o caderno de encargos do BE vai incluir, na eventualidade de uma 2ª temporada da Ge-



**Lisboa, Parque das Nações**  
 A popularidade de Catarina Martins pode estragar as contas do PS para uma maioria absoluta

MARCOS BORGA

ringonça, a reversão das regras contestadas na nova legislação laboral, mesmo que o Tribunal Constitucional não se pronuncie pela inconstitucionalidade de tais normas. O PCP deverá alinhar pelo mesmo diapasão. Segundo apurámos, esta é a principal linha vermelha, a que se seguirão outras exigências, sempre no campo das leis do trabalho. A reposição de carreiras congeladas estará, também, no menu do PCP e a questão dos professores, que os comunistas não consideram resolvida, vai regressar ao tampo da mesa de eventuais negociações.

O Bloco poderá não fazer cavalo de batalha, para já, de todas as nacionalizações que o seu programa preconiza, mas insistirá na renacionalização dos CTT e da REN, ao mesmo tempo que não abdicará das mudanças preconizadas relativamente às rendas da energia. Um pacote muito duro que incluirá, ainda, um novo paradigma na forma como o Estado se relaciona com o sistema financeiro. Mais do que a discussão política sobre valores ideológicos de esquerda (o qual, segundo Manuel Alegre, não vive sem o PS...) ou juras de preservação da estabilidade política, são estas matérias concretas que assustam António Costa e que justificam o epíteto de "empecilhos", dado aos parceiros da esquerda por um dos vice-presidentes da bancada parlamentar socialista...

O pacto de não agressão estabelecido, na campanha, entre António Costa e Jerónimo de Sousa indica que o primeiro-ministro prefere, de longe, que a um futuro governo do PS sem maioria baste o apoio parlamentar do PCP, livrando-se da imprevisibilidade do Bloco. Segundo um elemento próximo do chefe de Governo, o debate a seis, na RTP, foi a cereja no topo do bolo: apanhado

## O Centeno é uma arma

Enquanto Augusto Santos Silva e Manuel Alegre, ambos insuspeitos de simpatias pela direita, dramatizavam a campanha, "malhando" no Bloco de Esquerda, o ministro "insuspeito" de irresponsabilidade nas contas, **Mário Centeno**, cobria a outra "frente de guerra", convocando os jornalistas para tentar desmontar – e desacreditar – o quadro macroeconómico e as contas do programa

do PSD. Desafiado para debater com um dos autores do documento, **Joaquim Sarmento**, já conhecido como "o Centeno de Rui Rio", chutou para canto, afirmando que não debate com alguém que não é candidato a deputado. O ministro das Finanças, quase desconhecido há quatro anos, tornou-se o principal trunfo eleitoral do PS – e uma espécie de seguro de vida contra o papão da "instabilidade".





## ANDRÉ SILVA DIZ “JAMAIS” A NOVO AEROPORTO NO MONTIJO. E SE COSTA PRECISAR DELE?...

de surpresa pela revelação, por parte de Catarina Martins, de uma reunião secreta entre representantes do PS e do BE, na manhã das eleições de 4 de outubro de 2015, Costa reforçou a sua convicção sobre a falta de fiabilidade e de maturidade política da sua interlocutora. O primeiro-ministro tem-se repetidamente referido à lealdade do PCP, “capaz de cumprir o que assina”, e capaz de guardar recato e discrição nas negociações. Ao longo da legislatura, muitas conversas com o Bloco, que se pretendiam reservadas, saltaram para a praça pública, escapando ao controlo político do Governo. O último caso a provocar mal-estar foi o que envolveu a negociação para a Lei de Bases da Saúde. Por isso, António Costa já classificou, publicamente, o PCP como “um partido de massas” e o BE como “um partido dos mass media”... Qualquer negociação com o Bloco será, após 6 de outubro, marcada por um grau de desconfiança que não existia há quatro anos, quando Pedro Nuno Santos foi envolvido como pivô das negociações, por ter boas relações com vários dirigentes do partido de Catarina Martins...

O PCP dá ainda outras garantias. Por ser um partido com implantação autárquica, e muito pragmático, tem vários pontos de interligação administrativa com o poder central. E por ser um partido com influência sindical, pode, também, assegurar um mínimo de paz social que o Bloco não garante. Aliás, a não agressão em eleições autárquicas futuras – em 2017 o PS ganhou vários bastiões aos comunistas... – pode estar em cima da mesa, caso os comunistas recebam convocatória para colaborar com uma nova Geringonça.

### PAN OU PIN?

Outro cenário colocado em cima da mesa é a associação com o PAN. Explícita ou implicitamente, André Silva já se mostrou mais do que disposto a viabilizar um governo minoritário do PS. No limite, os deputados que os ambientalistas venham a eleger podem ser suficientes, caso as exigências à esquerda coloquem em causa a bitola de “estabilidade” definida por António Costa ou pelo seu nº 2 no Governo, Augusto Santos Silva. Mas o mesmo André Silva, que recusa ser “o pin na lapela” dos socialistas, pode revelar-se um osso duro de roer, sobretudo se se sentir legitimado por um aumento significativo da representação parlamentar. Esta semana, o deputado do PAN citou o antigo ministro Mário Lino e disse, com boa pronúncia francesa, que o aeroporto no Montijo, “jamais [jamé]”. E esse pode ser o principal escolho a ultrapassar, se Costa dispensar os atuais parceiros à esquerda. Na verdade, em termos políticos, o PAN pouco poderá oferecer em troca, exceto o voto “sim” aos orçamentos que o Governo venha a apresentar.



**Coimbra** André Silva foi uma revelação nos contactos de rua. Se Costa precisar dele, pode contar. Mas...

Sobre o aeroporto, André Silva responde-nos: “O projeto, tal como está concebido, e não cumprindo a legislação, nomeadamente em matéria de avaliação ambiental estratégica, do nosso ponto de vista, não pode ir para a frente. Há um incumprimento claro da legislação por parte do Governo, que não está a fazer um estudo – que, no fundo, é o mais aprofundado e de maior alcance que uma mera avaliação de impacto ambiental. Há problemas que não estão esclarecidos, que têm que ver com a quota da pista, nomeadamente no que se refere ao possível e mais que previsível aumento do nível médio das águas do mar que pode colocar em causa a viabilidade desta obra. E há uma série de matérias que têm de ser esclarecidas e que só o podem ser com um estudo mais aprofundado e com maior rigor científico, que não existe neste momento.” Mas será esta uma linha vermelha para um acordo de incidência parlamentar? Para André Silva, “não faz sentido apoiar uma solução governativa que contenha uma possibilidade de construir um projeto que tenha impactos ambientais enormes e em que o Governo não seja capaz de cumprir a legislação e de fazer uma avaliação ambiental estratégica, como lhe compete.”

Outro dossier complicado é o das touradas. Também aí, o PCP é o único que não levanta problemas: as touradas têm mais aficionados, precisamente, em zonas do País onde a CDU tem mais representatividade, pelo que os comunistas nada farão contra a “festa brava”. Já com o PAN será uma carga de trabalhos. Salomónico, ou talvez mais à maneira de Pilatos, António Costa já disse, na grande entrevista concedida à VISÃO, em agosto último, que admite a “realização de referendos locais”, empurrando para as autarquias a decisão sobre uma eventual proibição de touradas nos respetivos concelhos. Resta saber se o PAN vai nessa.

No próximo domingo à noite, já teremos uma ideia das balizas do diálogo – ou da falta dele. As eleições seguem dentro de momentos. [fluis@visao.pt](mailto:fluis@visao.pt)